

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Moon in the Palace*

Autora: *Weina Dai Randel*

Copyright © 2016 by Weina Dai Randel

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Manuela Madureira*

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Sbuttestock*

Capa: *Sofia Ramos/Editorial Presença*

Composição: *Miguel Trindade*

Impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 420 125/17

1.ª edição, Lisboa, fevereiro, 2017

Reservados todos os direitos para
a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

*Para o Mark,
cujo amor me dá uma nova vida*

DINASTIA TANG, 631 D.C.

O QUINTO ANO DO
REINADO DE PERSPETIVAS PACÍFICAS
DO IMPERADOR TAIZONG

VERÃO

CAPÍTULO UM

NO DIA EM QUE O MEU FUTURO FOI PREVISTO, EU tinha apenas cinco anos.

Estava a praticar caligrafia no jardim onde o Pai efetuava as suas reuniões com os nobres, eruditos e outros homens importantes da prefeitura. Era uma radiosa tarde de verão. Ele não usava o seu chapéu de governador, e os raios de sol infiltravam-se por entre o labirinto das folhas de carvalho e iluminavam o seu cabelo grisalho como se fora uma coroa de prata.

Um monge, que eu nunca vira antes, pediu para me ler o rosto.

— Que extraordinário! — Baixou-se para observar os meus olhos. — Nunca vi um rosto com tal perfeição, um desenho tão impecável e pleno de inspiração. Vejam as têmporas dele, a forma do seu nariz e olhos. A este rosto cabe a missão do Céu.

Apeteceu-me sorrir. Tinha-o enganado. Eu era a segunda filha do Pai e a sua preferida. Ele vestia-me frequentemente com uma túnica de rapaz e tratava-me como se fosse o filho que não tivera. A Mãe sentia relutância em concordar com a brincadeira, mas eu considerava-a uma grande honra.

— É pena, no entanto, que ele seja um rapaz — disse o monge enquanto as pessoas vinham rodear-nos.

— Uma pena? — perguntou o Pai, numa voz tocada por um raro tom de confusão. — Porquê, Tripitaka?

Eu também me sentia curiosa. Como poderia uma rapariga ser mais valiosa do que um rapaz?

— Se a criança fosse uma rapariga, com este rosto — o monge, Tripitaka, estudou-me atentamente —, ela eclipsaria a luz do Sol e brilharia com mais intensidade do que a Lua. Reinaria sobre o reino que governa muitos homens. Seria mãe de imperadores da terra mas também seria imperador em seu próprio nome. Ela desmantelaria a casa de mentiras mas construiria o templo do divino. Ela dissolveria o reino dos fantasmas mas fundaria uma dinastia de almas. Ela seria imortal.

— Uma mulher imperador? — O Pai ficara boquiaberto.
— Como poderia isso ser possível?

— É difícil explicar, governador, mas é verdade. Não haveria nenhum antes dela e nenhum depois.

— Mas esta criança não é da família imperial.

— Seria o seu destino.

— Compreendo — disse o Pai, parecendo pensativo. — Como poderia uma mulher governar o reino? — O Pai estava a perguntar ao monge, mas fitava-me atentamente, os olhos brilhando com uma estranha luz.

— Ela tem de resistir.

— Resistir a quê?

— Mortes.

— De quem?

Tripitaka não respondeu; em vez disso virou-se para a entrada em forma de lua que conduzia do jardim ao salão de receções, onde esplêndidos murais e antigos biombos de sândalo incrustados de pérolas e jade cobriam cada parede. Encostadas a estas, havia prateleiras de chávenas e taças de cerâmica preciosa, um osso relíquia de Buda — o mais precioso tesouro da Mãe — e uma coleção rara de poemas com quatrocentos anos. No centro do salão encontrava-se o objeto que todos os convidados do Pai invejavam: uma estátua de um cavalo, em tamanho natural, feita de ouro puro, um presente do imperador Gaozu, o fundador da dinastia Tang, que devia o seu reino ao Pai.

Tripitaka voltou-se de novo para o Pai, fitando-o como um homem que vê outro a afogar-se num rio mas é incapaz de ajudar.

— Despeço-me agora, respeitável governador. Que a fortuna te proteja eternamente. É um privilégio oferecer-te os meus serviços. — Juntou as mãos e curvou-se para sair.

Nunca consegui explicar o que fiz a seguir. Corri para ele e puxei-lhe o hábito. Talvez pretendesse apenas despedir-me, mas as palavras que me escaparam da boca foram: — *Wo men xia ci chong feng.*

Voltaremos a encontrar-nos.

Tripitaka arregalou os olhos de surpresa. Depois, como se tivesse acabado de compreender alguma coisa, acenou e, com uma grande vénia, disse: — Assim será.

Qualquer outra criança da minha idade ter-se-ia sentido embaraçada ou pelo menos constrangida. Eu não. Eu sorri, recuei e peguei na mão do Pai.

Depois desse dia nunca mais usei roupas de rapaz, e o Pai começou a escrever cartas e a enviá-las ao imperador Taizong, filho do imperador Gaozu, que herdara o trono e residia num grande palácio em Chang'an. Perguntei-lhe qual o propósito das cartas e o Pai explicou-me que havia o costume de todos os anos o governante do reino escolher um certo número de donzelas para o servir. As donzelas deviam vir de famílias nobres e ter mais de treze anos. Era uma grande honra para as mulheres porque, depois de serem favorecidas pelo imperador e se tornarem damas de elevada posição, trariam às suas famílias eterna fama e glória.

O Pai disse que gostaria que eu fosse para o palácio.

Dedicou-se a ensinar-me poemas clássicos, história, caligrafia e matemática, e todas as noites, antes de eu me deitar, pedia-me para recitar *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu. Inúmeras vezes adormeci a murmurar: «Toda a operação militar se baseia em engano...»

Decorreram dias, depois estações e anos. Ao fazer doze anos, um ano antes de o imperador Taizong me vir a convocar, o Pai levou-me ao local dos túmulos da nossa família. Parecia muito bem-disposto, o seu passo era leve e avançava de cabeça erguida. Contou-me velhas histórias acerca de como ele, o homem mais rico da prefeitura de Shanxi, financiara a guerra do imperador Gaozu quando este decidira rebelar-se contra a dinastia Sui. E de como, quando o imperador fora traído e forçado a fugir, o Pai abriera os portões

da nossa enorme casa para acomodar o seu exército, e depois, após a guerra ter sido ganha, o imperador Gaozu propusera o casamento entre o Pai e a Mãe, prima de uma imperatriz, filha de um famoso nobre fiel ao império que perecera.

Com as longas mangas a adejar, o Pai mostrou-me a terra ondulada que se estendia até à beira do Sol, a sua terra, a terra da minha família. — Prometes salvar a fortuna e a honra da nossa família? — perguntou-me ele de olhos brilhantes.

Cerrando os punhos, eu acenei solenemente, e ele riu. A sua voz fundiu-se no ar quente e ecoou nos topos de ciprestes distantes.

O prazer de lhe agradecer envolvia-me no instante em que avistei um par de olhos amarelos salientes espreitando dos arbustos. A floresta ficou silenciosa, e todos os gorjeios e ruídos de folhagem cessaram. Uma chuva de folhas, pelo e gotas vermelhas abateu-se do céu, e um grito perfurou-me os ouvidos. Talvez viesse de mim, ou do Pai, não tinha a certeza, porque tudo ficara escuro, e ao recuperar os sentidos estava à mesa com a Mãe e as minhas duas irmãs, a comer papa de arroz com porco desfiado.

Um dos nossos servidores entrou precipitadamente no salão de refeições, de respiração ofegante e rosto molhado de transpiração. Houvera um acidente, disse ele.

O Pai caíra de um rochedo e morrera.

No dia do seu funeral, um sol débil pestanejava através da opaca neblina matinal que pairava sobre os caminhos da montanha. Lentamente, encaminhei-me para a sua campa. Rebentou-me uma bolha num dedo do pé, mas eu mal a senti. Diante de mim, saltava e dançava um sacerdote que usava uma máscara quadrada com quatro olhos pintados e, junto dele, os tocadores de sinos agitavam os seus pequenos sinos. O toque desvaneceu-se no céu distante mas permaneceu no meu coração. Desesperada, dei voltas à cabeça tentando encontrar alguma pista que pudesse sugerir a natureza da morte do Pai, mas por mais que me esforçasse não conseguia recordar os pormenores do dia em que ele morrera. Ajoelhei, de rosto dormente e mãos geladas, enquanto os portadores da urna enfiavam o Pai na câmara de barro, enterrando-o.

Pensei que a minha vida terminara. Não sabia que ela acabava de começar.

CAPÍTULO DOIS

DE REGRESSO AO LAR, AGUARDAVA-NOS UM GRUPO de homens diante da minha casa, com as suas tochas rugindo na noite como árvores flamejantes, e o fumo negro espalhando-se pelo céu como a teia sombria de uma aranha monstruosa.

Reconheci o magistrado, usando o chapéu do meu pai. O coração caiu-me aos pés. Ele ocupara a posição do Pai. Eu conhecia bem a lei; por mais que o Pai me amasse, eu não era o seu filho, e portanto não podia herdar o seu cargo de governador. Mas tinha de haver outra razão para a presença do magistrado. Detive a Mãe e as minhas duas irmãs, apertando-as a mim.

— Velha — disse o magistrado para a Mãe, de mãos postas nas ancas —, leva as tuas raparigas inúteis contigo e sai daqui.

Eu não podia suportar aquele homem nem o seu total desrespeito pela Mãe. Coloquei-me diante dele. — Não fales assim à minha mãe. Se alguém precisa de sair, és tu. Esta é a minha casa.

— Já não. — Fez um esgar de escárnio. — Agora é minha. Tudo me pertence: a casa, o tesouro e todo o ouro. Agora, ordeno-vos que desapareçam da minha vista. — Acenou e os seus homens precipitaram-se para nós, empurrando-nos para a estrada.

— Como te atreves. — Debatí-me, tentando libertar-me dos braços que me apertavam os ombros. — Canalha!

Senti a punhalada de uma forte dor quando o magistrado enfiou o seu punho no meu estômago. Fiquei petrificada. Nunca ninguém

me batera antes. Inclinei-me para ele e comecei a dar pontapés com toda a minha força. Mas outro golpe se abateu nas minhas costas e caí no solo, a visão enevoada pela dor. Durante um momento só consegui ouvir os ecos de sonoras bofetadas e os gritos aterrados das minhas irmãs. Sacudi a cabeça e tentei levantar-me porque, nesse instante, vi que a Mãe, com a mão no rosto, caía a meu lado arquejante. Instintivamente, inclinei-me e envolvi-a com os meus braços, protegendo-a enquanto mais golpes choviam em cima de mim.

Finalmente, todos os pontapés e agitação cessaram, e os portões da minha casa fecharam-se atrás de mim. No interior ouviam-se ruidosas gargalhadas e aplausos.

Os nossos servidores aproximaram-se, todos os cem, com sacos aos ombros. Ajudaram-me a sentar e depois, um a um, curvaram-se, chorando desesperadamente. Enquanto se viravam para partir, eu observava-os com um nó na garganta. Conhecia-os desde que nascera e tratava-os por tias e tios, mas eles tinham de se ir embora. Era exatamente como o provérbio dizia: «Quando uma árvore cai, os desgraçados macacos não têm outra opção senão dispersar.»

Engolindo as lágrimas, voltei-me para a minha mãe e irmãs, que soluçavam a meu lado. Ajudei-as, tentando confortá-las, e jurei que as protegeria e tomaria conta delas, mas sabia que não havia nada que pudesse fazer para recuperar a nossa casa. Podia suplicar aos nobres que haviam servido o Pai que me ajudassem, mas o ganancioso magistrado, cuja palavra era lei, era seu superior e ninguém ousaria desafía-lo.

Também não sabia onde haveríamos de ficar. Todos os membros da família do lado da Mãe tinham morrido na guerra, e o Pai não tinha parentes em Wenshui. Podia pedir para ficar com vizinhos, mas seríamos como pedintes, dependendo da caridade das pessoas. Por fim, a Mãe disse que devíamos ir ter com Qing, o meu meio-irmão, que vivia em Chang'an, a cidade onde ficava situado o grande palácio do imperador Taizong. Qing, o filho mais

velho do anterior casamento do Pai, era um jogador ávido que me odiava e a última pessoa junto de quem eu procuraria auxílio.

Mas decidi escutar a Mãe. Iríamos para Chang'an porque, uma vez lá, eu procuraria todas as oportunidades para ver o imperador e suplicar-lhe que nos devolvesse a nossa casa e bens.

A noite arrefeceu. Abraçámo-nos todas sob uma árvore para nos mantermos quentes. Eu estava exausta, com fome e o corpo dorido das pancadas, mas não consegui fechar os olhos, sentindo o vento noturno a fustigar-me o rosto frio.

De madrugada, a Mãe procurou uma caravana que passava pela nossa cidade e pagou-lhes com a minha pulseira de jade. Junto com as minhas duas irmãs, coxeei até à carruagem e subi para ela.

Com o queixo a bater na moldura da janela da carruagem, vi a minha casa esbater-se ao longe. Eu tinha bebido a água de Wenshui, andado na estrada lamacenta de Wenshui e crescido no ar de Wenshui. Agora era forçada a partir.

O Pai costumava dizer que Chang'an era o lugar mais glorioso debaixo do Céu, e muitas eram as pessoas que afluíam à cidade do imperador como traças atraídas pela luz. Toda a gente — mercadores e poetas, mercenários e prostitutas — para lá se dirigia a fim de realizar sonhos de fortuna e decadência. Era igualmente o destino da Rota da Seda, onde mercadores de tão longe como a Pérsia, Kucha, Kashgar e Samarcanda traziam perfumes raros e luxos difíceis de encontrar para negociarem.

Mas quando nos aproximámos da muralha da cidade, junto da Porta de Jinguang, o cenário diante de mim não refletia nada da descrição do Pai. Os baluartes cinzentos, que se assemelhavam aos dentes irregulares de um demónio, estendiam-se intermináveis até longe. Em meu redor, muitos mercadores, os rostos uma teia de rugas e os lábios ressequidos de sede, tropeçavam de fadiga na estrada, e as folhas de maciços dióspiros junto de um lago estavam encarquilhadas parecendo prestes a morrer.

Uma vez entrada a porta da direita, a vista da cidade surpreendeu-me. Pontes de pedra branca arqueavam-se como meias-luas, grupos de salgueiros verdejantes bordejavam fossos profundos, canoas vermelho-vivo e barcos-dragões em tons de índigo fluuavam em plácidos canais e os enormes edifícios murados — os bairros residenciais, disse-me a Mãe — erguiam-se a par como fortalezas.

Protegi os olhos para bloquear a brilhante luz do Sol refletida pelo canal. Não queria pestanejar, não desejando perder nada. As ruas eram largas como o céu e de cada lado encontravam-se cuidadosamente espaçados áceres, carvalhos e zimbros. Tudo parecia organizado e ordenado; até os cavalos paravam de relinchar, como que apavorados por um silencioso código de obediência.

Duas ruas corriam paralelas à minha esquerda. No extremo mais distante, caminhavam vagarosamente as pessoas para saírem da cidade, enquanto a faixa do meio se encontrava desocupada. Em breve, um grupo de cavaleiros de chapéus e botas trotou ao longo dessa rua. A princípio pensei que eram os guardas do imperador, mas quando se aproximaram percebi que eram nobres. Vestiam melhor do que qualquer pessoa na minha cidade natal, os chapéus espessos com tiras de pele, as mangas de seda descendo até às botas. Em Wenshui, toda a gente me cumprimentava na rua, mas estes passaram por nós como se não existíssemos.

— Onde é o palácio? — perguntei à Mãe.

— Olha para além. Vês aquele muro vermelho? É o muro do palácio — elucidou a Mãe, com os braços a rodearem as minhas irmãs. A Irmã Grande dormia, mas a Irmã Pequena, que nascera com um coração fraco, gemia a delirar. Adoecera durante a viagem.

Afaguei-lhe o ombro para a apaziguar e, uma vez acalmada, mudei-a para mais perto da janela. Os portões vermelho-vivo, guardados com bolas de bronze, eram altos e largos, mas eu não fiquei impressionada. Pareciam semelhantes aos portões da nossa própria casa, mas à medida que a carruagem avançava, percebi quão enorme a entrada do palácio era realmente, e não tinha apenas uma, mas sim três entradas — esquerda, meio e direita. A do meio, reservada apenas para o imperador e a falecida imperatriz — recordei-me do

que o Pai me contara —, era a mais grandiosa. Em frente havia uma ponte arqueada; dois *qilins*¹ de pedra empinados, os míticos unicórnios; e duas torres de vigia assentes no topo do muro como pavilhões flutuando no ar.

O Pai dissera que o palácio dispunha de 9999 salas, um número auspicioso para sugerir a longevidade do reino. Cada sala era coberta de mármore, e cada coluna tinha dragões esculpidos e jade e rubis incrustados. Dia e noite, as câmaras ressoavam com o som de alaúdes e cítaras, e as mulheres do palácio passeavam-se frequentemente por ali com vestidos de gaze das cores do arco-íris, adornados por faixas perfumadas.

E o imperador Taizong, para quem eram cantadas todas as melodias, para quem eram construídos todos os edifícios... perguntei-me se ele teria recebido as petições do Pai. Convocar-me-ia? Se quisesse, poderia encontrar-me facilmente, uma vez que a cidade mantinha registos exactos de quem entrava no bairro e de quem vivia com os seus parentes.

Chegámos finalmente a casa de Qing, um pequeno prédio de lama amassada com telhado de palha. No momento em que nos viu, exigiu a bolsa de moedas da Mãe e as nossas joias. Era essa, sabia-o, a única razão por que ele nos permitia ficar.

Nessa noite, partilhámos uma esteira de bambu, num pequeno quarto, com as duas concubinas e os oito filhos de Qing. Eu quase não dormi. Antes do amanhecer, ergueu-se uma miscelânea de tambores, o sinal de abertura do vizinho Mercado Ocidental. Vesti-me e deixei silenciosamente a casa de Qing. Queria ver o palácio. Não poderia entrar, mas talvez com alguma sorte pudesse ver o imperador Taizong e, dada a contribuição do Pai para o imperador Gaozu e a dinastia, certamente o imperador Taizong me concederia o meu desejo e nos devolveria a nossa casa.

Do lado de fora do pátio de Qing, os ruídos do mercado ecoavam através do espesso nevoeiro matinal como trovões. Detive-me, chocada por ver tanta gente à minha volta. Vendedores perseguiam clientes com codornizes flácidas, coelhos e cobras-covinhas oscilando aos ombros.

¹ O *qilin* ou *kilin* é um animal híbrido da mitologia chinesa, símbolo de paz, prosperidade e justiça. (NT)

Mercadores firmavam os pés na terra batida e empurravam carroças carregadas de rolos de seda. Os adivinhos passeavam-se empunhando cartas de bambu e levantando nuvens de pó acobreado ao andar.

Abri caminho por entre a multidão e cheguei à Rua Celestial, que se estendia até aos portões da frente do palácio. Achava-se aí um exército de guardas do palácio a inspecionar uma multidão de ministros que empunhavam emblemas com a forma de um peixe: o símbolo de admissão ao palácio. Apenas àqueles que possuíam o símbolo era permitido entrar no palácio. Não havia sinal do imperador.

Desapontada, dei meia-volta e regressei a casa de Qing.

A viver em Chang'an, eu ouvia constantemente rumores acerca do palácio. Dizia-se que o imperador convocaria quinze donzelas, as selecionadas, para o servirem no Pátio Interior nesse ano, e seria dada prioridade às filhas dos nobres de elevada posição. O meu pai, um governador, fora de elevada posição.

Eu esperava que o imperador me convocasse; seria a única maneira de o encontrar. E a vida em casa de Qing era miserável. Ele era mais pobre do que qualquer dos servidores do meu pai. Passávamos muitos dias sem comida e, se tinha sorte, eu comia o arroz queimado raspado do fundo da panela. A Irmã Grande foi obrigada a casar com um mercador inferior do Sul para não nos sobrecarregar, e a doença da Irmã Pequena agravou-se. Eu preparei um pouco de couves em vinagre e vendi-as no mercado com o fito de arranjar dinheiro para o remédio dela.

Então, um dia, a minha sorte mudou. Ressoaram gongos no exterior da casa de Qing. Um homem empunhando um estandarte passou o portão. Atrás dele encontrava-se uma carruagem e um homem que parecia uma enorme cabaça, com uma barriga saliente, um dorso gordo e uma cabeça pequena.

— Ajoelhem-se todos — ordenou ele enquanto os meus vizinhos, Qing e a Mãe se juntavam diante dele. Sem ter a certeza do

que aconteceria a seguir, ajoelhei ao lado da Mãe, segurando nos braços a Irmã Pequena. O homem cabaça desenrolou um rolo de bordas douradas, o emblema de um édito.

Em cadência monótona, ele leu: «No oitavo mês do décimo terceiro ano do Reinado de Perspetivas Pacíficas, eu, imperador Taizong, o imperador da China, o Único acima de Todos, o Conquistador do Norte e do Sul, o governante de toda a terra e dos sete mares, aqui decreto que a segunda filha de Wu Shihuo, o antigo governador da prefeitura de Shanxi, o homem que prestou serviços meritórios ao nosso reino, será escolhida como uma das quinze donzelas que entrarão no Pátio Interior. Aqui deixo o meu decreto.»

O grupo susteve a respiração e as pessoas rodearam-me, gritando as suas felicitações. Eu acenei alegremente, pois as petições do Pai haviam sido ouvidas e eu iria para o palácio, tal como ele desejara. Todavia não consegui sorrir ao olhar para a Mãe e a Irmã Pequena. Precisaria de as abandonar; não tinha pensado nisso. E a minha irmã estava tão doente. Quem tomaria conta delas quando eu vivesse no palácio?

Mais tarde, após todos terem partido, a Irmã Pequena dormitou e eu sentei-me num banco com a Mãe. Ela enxugou os olhos.

— Isto são lágrimas de felicidade — elucidou ela.

Parecia satisfeita, mas eu ainda conseguia ouvir dor na sua voz.

Eu também não queria deixá-la. No palácio, não veria a sua cara ao acordar de manhã nem ouviria a sua voz antes de adormecer. Não poderia abraçá-la nem escutar a sua respiração.

— Eu não tenho de ir — comentei, embora soubesse que não havia escolha. Ninguém ousava desafiar o imperador.

Ela abanou a cabeça. — Tens sim. Isto é para o melhor.

De coração pesado, coloquei-me atrás dela e massajei-lhe os ombros. As costas incomodavam-na atualmente e eu aprendera a aliviar-lhe a dor. Agarrei-lhe os ombros com toda a força com que nascera e friccionei com toda a infelicidade e impotência que sangravam do meu coração. Com os polegares, descrevi círculos sobre as suas omoplatas, o cimo dos ombros e depois nas costas. Sob as pontas dos meus dedos, sentia a sua pele frouxa e ossos duros: sólidos, resolutos, reconfortantes. Como o amor.

Então soube que nada nos separaria nunca, fosse o palácio ou a tumba.

Aliviei a pressão e bati-lhe suavemente com os punhos nas costas. Ela descontraíu-se e suspirou de alívio, como sempre fazia.

— A Escolta do Palácio virá buscar-te dentro de um mês. Depois começarás uma vida nova — declarou a Mãe.

— Uma vida nova. — Acenei e olhei em volta do pátio, um pequeno espaço circundado por muros rachados. À minha frente, uma poça de comida para porcos formava-se debaixo de um balde, e junto ao portão encontrava-se um fuso partido e um forno de terra construído com lama. Aquele lugar não era o meu lar, mas uma recordação daquilo que eu precisava de fazer pela minha família: tinha de ajudar a minha mãe e irmã a sair daquele lugar horrível e tinha de cuidar delas. Era possível, uma vez que havia sido convocada para servir o imperador. Porque se eu conquistasse o seu favor poderia recuperar o lar da minha família e restaurar a nossa fortuna. Podia até, talvez, realizar o desejo do Pai para o meu destino: tornar-me o mais poderoso governante da China.

Dei a volta e ajoelhei diante dela para poder vê-la melhor; o rosto que sempre se mostrara sereno mas fora recentemente esculpido com desgosto e temor, o rosto do lar, o rosto que eu morreria para proteger. — Tomarás boa conta de ti, Mãe?

— Tomarei — prometeu ela, os seus olhos calmos perscrutando-me a alma, e docemente puxou-me mais para si. — Mei. Tu estás sozinha, não tens ninguém para te ajudar e no teu coração há demasiado metal e insuficiente água. Compreendes o tipo de lugar que é a corte?

Eu sabia que as minhas palavras não a acalmariam, por isso disse: — Mãe, lembras-te de que o Pai costumava ensinar-me Sun Tzu? Uma vez, explicou-me a diferença entre um lutador vulgar e um bom lutador. — Ele citara as palavras do mestre e dissera-me para as decorar: «Levantar uma pena não é sinal de grande força; ver o Sol e a Lua não é sinal de vista penetrante; ouvir o ruído do trovão não é sinal de ouvido aguçado.»

— Ah. — A Mãe acenou. — Então tu aprenderás a ser uma boa lutadora.

— Oh, não, Mãe. — Sorri. — Eu serei uma lutadora inteligente, que não só vence, como vence sem esforço.

E, dizendo isso, abracei-a.